

Inserção escolar: Crianças migrantes do Haiti nas creches e escolas de Sinop MT.

Ivone Jesus Alexandre¹

Anete Abramowicz²

RESUMO

Esse artigo é um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento e tem o objetivo de discutir a migração haitiana para o Brasil e, em particular, no Mato Grosso. O foco da investigação é a inserção das crianças que vêm junto com seus pais para um país estrangeiro na língua, nos costumes, na cultura e com o sonho de encontrar trabalho, melhores condições de vida e poder dar estudos para os seus filhos. A perspectiva teórica metodológica utilizada na pesquisa será qualitativa e a abordagem etnográfica. A técnica para gerar dados são observações e entrevistas. Neste campo teórico proposto infância e imigração há poucas pesquisas, e especificamente em Mato Grosso não temos registro de estudos sobre crianças migrantes haitianas. Neste texto, discutimos a imigração para o Brasil e depois especificamente em Mato Grosso enfocando a inserção das crianças vindas do Haiti na cidade de Sinop. Os dados preliminares apontam para uma inserção com dificuldades na língua na hora da comunicação com os professores, adequação às regras e normas escolares e conseqüentemente aprendizagem, ainda que de forma discreta, a discriminação racial perpassa as relações entre as crianças haitianas, não haitianas e professores.

Palavras - chave: Crianças Haitianas. Inserção. Escolas e creche.

ABSTRACT

The intention of the article is to discuss about the Haitian migration to Brazil and Mato Grosso. Focusing on the insertion of children who come with their parent to a strange country in the language, customs, culture and with the dream of finding work, better living conditions and be able to give studies for their children. The methodological theoretical perspective will be qualitative and the approach, ethnographic. The techniques to generate data are observation and interviews. About the thematic, a theoretical search reveals few researches, and specifically in Mato Grosso, we do not have record of migrant and Haitian children studies. In this text, we discuss the migration to Brazil and after specifically in Mato Grosso, focusing on the insertion of children coming from Haiti in the city of Sinop. The preliminary data lead to an insertion with difficulties in language used at the communication time with teachers, adaptation to school rules and consequently learning, even if discretely, the racial discrimination pervades the relations between the Haitian children, not Haitian and teachers.

Key words: Haitian children. Insertion. Schools and day care center.

INTRODUÇÃO

1 Graduada pela UNEMAT, Mestre em Educação pela UFMT e cursando doutorado pela Universidade Federal de São Carlos. Professora Assistente na área de Metodologia de Ensino na Universidade Estadual de Mato Grosso. Email: jeusalexandre.ivone@gmail.com.

2 Professora Titular do Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas; Universidade Federal de São Carlos; SP, Brasil. E-mail: aneteabramo@gmail.com / www.criancasinfancias.ufscar.br

[...] o Haiti significa [...] experimentar [...] encantamento [...] decorre da força doce e risonha de seu Povo, de seu amor sem limites à vida, da inocência bela e elegante de suas crianças [...].

Ricardo Seitenfus

A migração³ crescente de haitianos para o Brasil tem trazido novos contornos em relação à economia, as relações de trabalho, as relações sociais e raciais no Brasil. A migração para Mato Grosso ocorre principalmente em cidades destacadas pela mídia nacional como cidade com perspectivas de desenvolvimento e, portanto com ofertas de trabalho. Em função desse contexto, o estado tem recebido muitas pessoas vindas do Haiti, a maioria é adulta e geralmente vem sozinho, sem a família, tentar arrumar trabalho e melhorar as condições de vida.

As pessoas vindas do Haiti logo que se estabelecem no país tentam adquirir um emprego e almejam trazer suas famílias para conviverem no Brasil, em função dessa situação o número de crianças estrangeiras no país vem aumentando a cada dia. Aqui as crianças estão sendo inseridas nas instituições escolares.

A pesquisa em andamento busca saber como ocorre a inserção das crianças haitianas nas escolas em Mato Grosso. A questão que norteia a pesquisa é saber qual o impacto que a presença e a inserção das crianças haitianas trazem para o ambiente escolar. A pesquisa também objetiva analisar o processo como as instituições escolares recebem e percebem essas crianças, verificar as experiências vivenciadas por elas em relação às outras crianças/ colegas, professores e gestores e averiguar como os pais das crianças haitianas veem a escola de seus filhos.

Para sabermos sobre a existência de crianças migrantes do Haiti em escolas de Sinop MT, realizamos uma pesquisa exploratória em outubro de 2015. Por meio da Secretaria de Municipal de Educação, Assessoria Pedagógica do Estado e visitas as escolas foram identificadas três crianças em Sinop. Dessas, duas estavam estudando, uma na Educação Infantil e a outra no Ensino Fundamental, ambas na rede municipal. A terceira criança não estava frequentando nenhuma instituição escolar..

A metodologia de pesquisa se orienta pela abordagem qualitativa, por meio da perspectiva etnográfica, a coleta de dados é através da observação livre e entrevistas semiestruturadas com os pais das crianças haitianas, professores e gestores. A pesquisa obedece as seguintes etapas, primeiramente foi realizado o levantamento do número de crianças haitianas existente nas escolas do município de Sinop para localizarmos o campo de pesquisa de maneira a identificar em quais escolas elas estavam estudando. Na segunda etapa entramos em contato com as escolas e creches para começar as observações que iniciou no mês de Abril. Neste artigo apresentaremos os dados das observações da fase inicial da pesquisa e conversas informais que ocorreram nas instituições escolhidas como campo de pesquisa. As crianças de origem haitianas serão apresentadas nesse texto pelas letras iniciais de seus nomes.

3 Acreditamos que o uso do termo migrante (no lugar de imigrante) e migração (no lugar de imigração) nos permite enfatizar as dimensões múltiplas tanto de movimento, trânsito e fluidez quanto de temporalidades e motivações que marcam as migrações contemporâneas e que podem variar em função de diferentes fatores políticos, econômicos e sociais. (COGO E BADET, 2013, p. 12).

A MIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL

O Haiti tem uma população aproximadamente de nove milhões de pessoas. A maioria da população vive na condição de muita pobreza, isso quer dizer que recebem menos de 2 dólares por dia e, em 2010, tinham um dos mais baixos Índices de Desenvolvimento Humano do mundo, segundo os dados da ONU, ocupam a 146ª posição (CONTINGUIBA e PIMENTEL, 2013). É um dos países mais pobres das Américas e Caribe. Em 12 de janeiro de 2010, um terremoto de 7 graus na escala Richter praticamente devastou o Haiti, o IDH é um dos mais baixos do mundo. A partir desse contexto, na segunda metade do século XX, ocorre a migração em massa de haitianos para outros países, entre eles, o Brasil, por melhores condições de vida, oportunidades de trabalho e/ou estudos. Para Guimarães e Alonso (2015), os motivos que escolhem o Brasil envolvem aspectos sociais, políticos, econômicos e também raciais, por ter o Brasil uma população em sua maioria, negra. Seguy (2014) afirma que o Haiti passa por um processo de recolonização, que tira dos haitianos a oportunidade de uma vida digna. Neste sentido, o “Brasil é partícipe, tendo em vista, dentre vários fatores, que: a mão de obra haitiana é a mais barata de todo o mundo”, o pesquisador acrescenta ainda, que o “caráter dócil e laborioso do haitiano torna-o objeto de cobiça das empresas brasileiras” (SEGUY, 2014, p.318). No entanto, por mais que o Brasil, segundo dados do IBGE, a maioria da população é negra, historicamente em nosso país, o processo migratório foi seletivo, o Brasil adotou uma postura restritiva e seletiva para a recepção de migrantes, isso tanto no passado quanto atualmente demonstra o perfil populacional desejado para o brasileiro, “construída nos moldes europeus”.

A partir de 1930, o Brasil publica medidas restritivas à entrada de imigrantes internacionais no Brasil, as quais se ampliam e se constitucionalizam nas constituições de 1934 e 1937, quando são fixadas cotas para as entradas de estrangeiros. Para Seyferth (2000), na década de 1930, foram instituídas cotas de imigração para restringir a entrada de “indesejáveis”, em consonância com os novos ideais de sociedade e do nacionalismo propostos pelo Estado Novo e conjugados nas duas constituições da década de 1930, regulamentados por Decretos. O Decreto-Lei nº 406, de 4 de maio de 1938, além de impedir a entrada de “aleijados ou mutilados, inválidos, cegos, surdos-mudos, indigentes, vagabundos e congêneres”, explicitava e dava plenos poderes ao governo federal para, conforme artigo 2º., “limitar ou suspender, por motivos econômicos ou sociais, a entrada de indivíduos de determinadas raças ou origens, ouvido o Conselho de Imigração e Colonização” (grifos nossos). (GUIMARÃES, ALONSO, BORGES, 2015, p.148).

AS PESSOAS VINDAS DO HAITI EM MATO GROSSO

Mato Grosso foi colonizado na primeira metade do século XVIII, sendo arraial e depois Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, depois passou a ser Cuiabá. Em 1734 foram descobertas as minas na região do Guaporé. Essa vila originou da descoberta do ouro nas lavras do Coxipó-Mirim em 1719 pelos paulistas e reinóis.

Em 1727 o arraial do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (1722) foi elevado à vila e, nesse momento, pertencia à jurisdição da capitania de São Paulo. Em 1748 teve sua circunscrição reduzida em função das fundações das capitanias de Mato Grosso e de Goiás (JESUS, p. 94).

Apesar do território ter uma extensão de 48 mil léguas, a capitania de Mato Grosso era constituída por dois distritos somente, o do Cuiabá e o do Mato Grosso, e suas vilas: Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (1727) e a sede do governo, Vila Bela da Santíssima Trindade (1752). “Também havia os arraiais, povoados e edificações militares criados ao longo da linha de fronteira no decorrer dos anos setecentos, e somente em 1820 uma nova vila foi fundada: a Vila de Diamantino” (JESUS, 2012, p.94). A sociedade era bastante diversificada, era composta por “mineradores, negociantes, advogados, padres,

proprietários de terras, artesãos, burocratas, militares, índios aculturados, e escravos negros” (JESUS, 2012, p.16).

Nos anos 1950 e 1970, iniciou em Mato Grosso uma frente de expansão de colonização promovida pelo governo militar e intensificada a partir das décadas de 70 e 80, em função das políticas de integração nacional implementadas pelo governo com o objetivo de ocupar os “vazios” demográficos ao processo produtivo brasileiro (SEPLAN, 2002). A melhoria das condições de acesso possibilitou a expansão das atividades de mineração, extração de madeira e a implantação da agropecuária, neste contexto ocorreram a consolidação das antigas cidades do Sul-Sudoeste e o surgimento de novos núcleos urbanos, principalmente na região Centro-Norte, com fluxos migratórios internos ao Estado de Mato Grosso, oriundos de outras regiões do país.

A cultura da soja e de outros grãos, com moldes de manejo altamente mecanizados, ocupa hoje grande parte do território da região de Rondonópolis e Primavera do Leste (Planaltos Taquari/Alto Araguaia e dos Guimarães), a Chapada e Planalto dos Parecis (Tangará da Serra, Campos de Júlio, Sapezal, Campo Novo dos Parecis, Diamantino) e ao longo da rodovia BR-163 (Sorriso, Tapurah, Lucas do Rio Verde, Nova Mutum, Sinop), transformando radicalmente ambientes de Cerrado e de formações transicionais, avançando além dos limites dos domínios florestais (SEPLAN, 2012 apud EMBRAPA, 2015).

Segundo Lenharo⁴, no povoamento da região, os governantes preferiam as pessoas que vinham da região sul, consideradas com maiores recursos e mais dispostos ao trabalho. E a imagem do homem e de mulher de sucesso é do branco, sulista, sabedor, aproveitador das oportunidades oferecidas pela terra do progresso, como é representada pelos ideólogos da elite dominante (SOUZA, 2004, p.268). Neste sentido, as “novas terras” estavam destinadas aos migrantes sulistas “o que fez com se formassem, no espaço que constituía, grupos sociais que guardavam grandes semelhanças culturais com aqueles dos quais se originaram” (ARRUDA apud SOUZA, 2004, p.35). Com o passar dos anos e a intensa divulgação de cidades prósperas, com oportunidades de emprego, a promessa de enriquecimento e melhores condições de vida fez com que pessoas de diferentes lugares do país viessem para a região.

Sobre a migração de haitianos para o Mato Grosso, o Centro de Pastoral para Migrantes de Cuiabá informou que são 2,3 mil haitianos morando na capital. A maioria deles trabalha na construção civil, sendo que boa parte foi atraída pela oferta de emprego gerada com as obras da Copa do Mundo em junho de 2014. As notícias que temos dos migrantes no estado são que muitos são explorados por empresas de serviços, discriminados pela cor de sua pele e por ser estrangeiros. Atenção e auxílio obtidos pelo estado é praticamente nenhum, geralmente recebem ajuda de parentes que já migraram há algum tempo, colegas, organizações filantrópicas, não governamentais e as pastorais das igrejas.

A centralização decisória das questões migratórias na esfera federal faz com que os estados e municípios sintam-se descomprometidos com a acolhida a inclusão dos imigrantes. Assim, a responsabilidade fica com as organizações humanitárias, ONG's, Pastorais e os próprios descendentes já radicados no País, serviços que deveriam ser encargos dos governos. (ZAMBERLAM, 2014; p 73apud DUTRA e GAYER, 2015, s/n.).

A cidade de Sinop tem sido uma das cidades do interior de Mato Grosso preferida dos migrantes, pois se desenvolve todo dia aumentando cada vez mais as ofertas de empregos, assim, todo dia chegam migrantes de todos os lugares, inclusive do Haiti.

4 Citado por Souza, (2004, p.140)

AS CRIANÇAS MIGRANTES: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Realizando uma busca por títulos sobre migração internacional e crianças tendo o Brasil como receptor do migrante, junto ao banco de teses da CAPES não encontramos registro de pesquisas sobre crianças migrantes haitianas e sua inserção em instituições educacionais no Brasil. Sobre crianças migrantes de outro país encontramos a tese de doutorado de Siller (2011) que investigou como as crianças que vivem em contextos de migração, nesse caso especificamente “imigração pomerana produzem, reproduzem e difundem as práticas sociais de seus e de outros grupos étnicos e culturais”, através das relações que estabelecem com seus pares e com profissionais da educação em dois Centros Municipais de Educação Infantil, no município de Santa Maria de Jetibá-ES/Brasil.

A metodologia utilizada foi na perspectiva etnográfica para coletar, analisar e interpretar as vozes dos sujeitos da pesquisa. A pesquisa demonstrou que os Centros Municipais de Educação Infantil apresentam-se como Instituições que ainda são “enraizadas”, “fixas”, “territorializadas”, cujo padrão Identitário nacional privilegia a uma língua, um povo e um território. As práticas pedagógicas se pautam pela abordagem monocultural e monolíngue produzindo um apagamento das diferenças em função da assimilação das culturas das crianças pomeranas e das crianças recém-chegadas a uma cultura padronizada nacionalmente, definido pela língua portuguesa, pela religião católica, pelo trabalho e valores urbano-industriais (SILLER, 2011). Segundo a pesquisadora, as práticas familiares e grupais trazem as marcas sociais pluriculturais e multilíngues, essas práticas deveriam contribuir com a Pedagogia para uma formação de crianças que valorizam diferentes culturas, em um mesmo contexto, como um aspecto positivo de valor humano. A pesquisa aponta também, que a escola pode ser um lugar do esvaziamento de práticas culturais grupais e mantém uma cultura hegemônica dominante.

Identificamos também a pesquisa de Freitas e Silva (2015) que se refere a um estudo sobre a adaptação de crianças bolivianas em uma escola de São Paulo. A pesquisa tinha como foco observar relacionamento entre crianças e professores. Durante dois anos os pesquisadores observaram os alunos bolivianos na escola, registraram as informações em um caderno de campo e também realizaram entrevistas abertas. Os pesquisadores constataram que a adaptação das crianças nas escolas brasileiras apresenta aspectos tensos e contraditórios e são permeadas por situações em que a condição de estrangeiro se constitui nos detalhes, na maneira como tratam a criança, que não é brasileira. Os autores concluem que ser estrangeiro no ambiente pesquisado perpassa pela construção de estigmas associando a diferença como desvantagem para a criança que chega. Os mesmos fazem analogia às categorias analisadas por Elias e Scotson (2000) em os “Estabelecidos e Outsiders”, com base nas informações registradas confirmam os sujeitos pesquisados na condição de “outsiders” em relação aos demais sujeitos que compõe a comunidade escolar.

Encontramos também o trabalho de pesquisa e extensão envolvendo crianças haitianas proposta pela professora Dr^a Marília Lima Pimentel Cotinguibada Universidade Federal de Rondônia-UNIR. O título é “*A inserção da criança haitiana no ambiente escolar brasileiro: um estudo de caso na cidade de Porto Velho*” e foi publicado em anais de evento da V Reunião Equatorial de Antropologia e XIV ABANNE reunião de antropólogos do norte e nordeste realizado em 2015. O objetivo do trabalho apresentado foi refletir sobre as dificuldades enfrentadas pela equipe pedagógica de uma escola pública em relação às crianças haitianas. Os pesquisadores concluíram que a barreira da língua, bem como, a falta de uma política migratória são fatores que impedem a plena inserção das crianças haitianas no sistema formal de ensino na cidade do Porto Velho. A pesquisadora evidencia a ausência de políticas públicas destinadas à inserção social de crianças migrantes no ambiente escolar. A metodologia para a pesquisa decampo foi observação participante realizada por membros da equipe do Grupo de Pesquisa Migração Memória e Cultura na Amazônia Brasileira – MIMCAB – do Departamento de Letras Vernáculas Velho.

Observamos que as pesquisas analisadas se referem às interações entre crianças migrantes e seus pares; e com professores no espaço escolar. Os dados revelam que essas interações são perpassadas por processos de tensões e conflitos em função da condição de estrangeiro.

Os estudos existentes sobre crianças que migram de um país para o outro acompanhando

suas famílias enfocam a situação da criança estrangeira na escola, suas dificuldades com a língua, e conseqüentemente com aprendizagem e aproveitamento escolar. No caso de nossa pesquisa, as crianças haitianas geralmente são acompanhadas pelas mães, e elas não falam o português, as mães dos alunos pesquisados falam o Kreyólé⁵.

INSERÇÃO DAS CRIANÇAS HAITIANAS NA CRECHE E NAS ESCOLAS: A QUESTÃO DA LÍNGUA

A pesquisa tem abordagem etnográfica e seus dados estão sendo gerados por meio da observação direta, “a entrada no campo é crucial na etnografia, uma vez que um de seus objetivos centrais como método interpretativo é estabelecer o status de membro e uma perspectiva ou ponto de vista de dentro” (RIZZO et al., 1992 apud CORSARO, 2005, p.444).

A observação de campo pretende aproximar as vivências das crianças haitianas nas instituições. “A aceitação no mundo das crianças é particularmente desafiadora por causa das diferenças óbvias entre adultos e crianças em termos de maturidade comunicativa e cognitiva, poder (tanto real como percebido) e tamanho físico.” (CORSARO, 1985 apud CORSARO, 2005, p.444).

Neste texto apresentaremos os dados gerados na fase inicial das observações de campo, de abril a junho de 2016. Durante uma vez por semana em cada sala de aula que recebem crianças haitianas.

As observações na creche e escolas iniciaram no início de Abril de 2016 e ocorreram uma vez por semana em cada sala e em diferentes dias da semana. Nas escolas as observações são alternadas de acordo com os horários das disciplinas para que possamos analisar as relações dos professores das diferentes áreas com as crianças haitianas.

No início do ano de 2016 registramos a chegada de mais duas crianças nas escolas do município de Sinop. Totalizando 5 crianças vindas do Haiti. Para atender os objetivos da pesquisa optamos em observar somente 3 crianças. Um menino de 8 anos que estuda no 2º ano de uma escola municipal, um menino de 12 anos que estuda no 6º ano de uma escola estadual e uma outra de 3 anos que estuda em uma creche municipal. As crianças do segundo e terceiro ano são irmãos e chegaram em Sinop em fevereiro de 2016. A que estuda na Educação Infantil iniciou na creche II em meados de fevereiro de 2015. Em 2016 ela está na creche III. As crianças serão identificadas pelas letras iniciais de seus nomes S.M.C. para o que estuda na creche, R.G.T. para o do 2º ano e R.M.T. para o do 6º ano.

A creche fica localizada no centro de Sinop. O perfil das crianças é de baixo estrato social e classe média. Já as escolas são localizadas em bairros periféricos e bem distantes do centro da cidade, o perfil dos estudantes é de baixo estrato social, a cor predominante na sala de aula pesquisada é preta e parda de acordo com os traços fenotípicos⁶.

Após as primeiras observações na creche, constatamos que as crianças brasileiras da mesma faixa etária de S.M.C. tem um vocabulário amplo e

5 A língua oficial no Haiti desde 1987 é o crioulo haitiano (também conhecido como Kreyòl, em Francês). Kreyòl é falado por 100% da população, enquanto 8-10% dos haitianos consegue falar francês. Como todos os crioulos baseados em francês, Kreyòl é uma mistura de francês e das línguas africanas que os haitianos falam (DUTRA e GAYER, 2015, s/n).

6 Atribuição de cor realizada pela pesquisadora com parâmetros as categorias de cor utilizada pelo IBGE e também dos traços fenotípicos. A classificação por cor [...] teve como critério não somente a cor da pele, mas é um conceito extensivo, que considera também a textura dos cabelos, a forma do nariz e a cor e espessura dos lábios. (OLIVEIRA, 1999, p.48)

ele fala pouco e as palavras são na língua kreyolé. Segundo as professoras, S.M.C. só dá gritinhos e sorri sempre. No início de sua adaptação ele somente sorria e mostra com o dedo o queria: água, brinquedo, livro, etc., após algumas semanas começou a conversar conosco em Kreyolé. A professora da sala dele nos contou que reclamou para a mãe que ele praticamente não fala nada em português, a mãe respondeu para ela que fala em casa só em Kreyolé com S.M.C. e que o pai fala em português. A mãe disse que estava aprendendo a falar e acrescentou que é por isso que seu filho vem para a creche para aprender a falar, ele vem para aprender (disse a professora bem calmamente imitando a mãe). Os dois irmãos que recém chegaram ao Brasil, R.G.T. e R.M.T. estão aprendendo a falar o português. Veja o que diz Siller (2011, p182) sobre as crianças migrantes pomeranas que deixaram de falar sua língua de origem em uma escola.

Suas falas eram silenciadas naquele cotidiano, o que contribuía para o processo de apagamento de sua língua e, conseqüentemente de suas culturas. A Diretora e a Professora desta turma, embora sendo de origem pomerana, não eram bilingües e nem adotavam uma educação bilingüe em suas práticas, cujo trabalho ia em direção da padronização, homogeneização da língua portuguesa. Em seus relatos falavam com indignação das discriminações sofridas pelos seus pais e mães. Entretanto, essa indignação não se transformou em ações que pudessem buscar uma educação que respeitasse as práticas desse grupo ao qual pertencem.

O mesmo acontece com as crianças vindas do Haiti. Não percebemos curiosidade dos professores sobre conhecer seu país de origem, pensar atividades que pudessem valorizar sua língua, sua cultura e sua origem. Conhecer, nem que fosse por meio de pesquisa, histórias, vídeos ou mesmo imagens do Haiti, sua localização Geografia, seus costumes, suas especificidades culturais, enfim, conteúdos que pudessem fazer com que as crianças se sentissem mais acolhidas, menos estranhas no espaço que as recebe.

Sobre desconhecer o funcionamento de outra língua ou mesmo a preocupação de serem expostos diante dos outros alunos, observamos que as crianças recém-chegadas são tímidas e receosas, falam muito pouco. Só rompem o silêncio na sala de aula quando são solicitadas. Pelas observações podemos supor que muitas vezes não entendem o que os professores dizem quando estão explicando a matéria, assim copiam tudo do quadro e se possível do colega, como geralmente são alunos quietos e obedientes não costumam sofrer sanções dos professores. Enquanto observávamos percebemos que R.G.T. sofria por não entender a língua da professora e nem saber falar direito a língua portuguesa, ele não sabia pedir para ir ao banheiro, teve um dia que uma professora substituta (a titular estava ausente da sala) foi atrás dele no banheiro porque saiu sem pedir. Percebemos que isso o deixou com vergonha. Depois de uns 15 dias R.G.T. chegou para a professora e disse:

- Eu quero mijar⁷.

A frase saiu muito elaborada, diante das expressões que temos visto e ouvido ele pronunciar durante as aulas, nos pareceu que tinha treinado algumas vezes. Acreditamos que isso aconteceu devido ao constrangimento que passou da professora substituta quando buscou ele no banheiro.

R.M.T., o aluno haitiano que frequenta o 6º ano fala muito pouco e quando o faz tem bastante sotaque. Alguns colegas riem dele quando pronuncia alguma palavra de forma equivocada, alguns deles falaram para mim em tom de anedota que ele tinha vindo de um outro país. Teve um dia que os professores de Língua Portuguesa e Ciências naturais solicitaram que ele lesse um texto em voz alta, ele leu e observamos que os colegas deram risinhos uns para os outros. No entanto, esses mesmos colegas o ajudam muito nas tarefas, na verdade resolvem os exercícios para ele ou o deixam copiar. São solidários com ele, companheiros. Ao serem solicitados a formarem grupos para elaborarem um trabalho para a feira de ciências ninguém quis fazer agrupamento com R.M.T., contudo, ele não se intimidou, ficou no grupo e não saiu dali, mesmo a quantidade máxima determinada pela professora para cada grupo ter sido ultrapassada.

Observamos que os professores do 6º ano falam muito bem do aluno R.M.T., sobre seu

⁷ Diário de campo do dia 24/05/2016

comportamento e sobre ser bonzinho. No entanto, não perceberam ainda que as crianças haitianas não entendem o que eles falam, eles falam rápido demais. As crianças não conseguem acompanhar a linha de raciocínio desenvolvida pelo professor na explicação de sua matéria. Constatamos isso porque ao conversar informalmente com o pai de uma das crianças quando foi buscar o filho na escola ele disse:

-Professora fala devagar, você fala rápido e eu não entendo.

Se esse senhor que está trabalhando em uma indústria de arroz da cidade há 4 anos tem dificuldade para entender nossa língua, imagine as crianças que estão há aqui há pouco menos de cinco meses.

Além da dificuldade de entender a língua e pronunciar palavras, as crianças precisam se adaptar a um lugar que ainda lhe é estranho. Observando a sala de R.M.T., do 2º ano, a professora regente contou a história da “Bela e a fera”, depois era para os alunos desenharem a sequência da história, começo, meio e fim. R.G.T. pegou o caderno de desenho e começou a rabiscar. Depois de algum tempo pedimos para as crianças nos mostrarem, a professora não olhou o desenho de nenhuma criança, R.G.T. havia desenhado um peixe, uma casa e uma bandeira. Fez o registro com as letras que ele achava que utilizava para escrever o nome dos objetos que havia desenhado. Não tinha nada a ver com a história contada pela professora, mas tinha a ver com o momento cívico vivenciado no início da aula. Era sexta-feira, e nesse dia na escola acontece o momento cívico⁸, os alunos e professores cantam o hino nacional e o de Sinop. Nesse dia também podem ser feitas apresentações alusivas as datas comemorativas daquela semana. Assim, na sala quando solicitamos que R.G.T falasse sobre o seu desenho, ele nomeou apontando com o dedo a bandeira do Haiti, a casa (no Haiti) e um peixe. Observamos sua voz embargada de emoção, perguntamos se ele sentia saudade do Haiti, ele ficou nos olhando e não disse nada. Como esse fato foi bem no início da pesquisa pensamos que ele não entendeu a pergunta ou não conhece o conceito de saudade em nossa língua. Enquanto as demais crianças desenharam fatos relativos à história contada pela professora, ele desenhou elementos que lembravam sua terra, seu país. Deduzimos que a visão da bandeira do Brasil durante o momento cívico fez com que se lembrasse da bandeira do Haiti, e conseqüentemente de sua terra natal. Segundo Lopes (2003), as crianças que migram, que se deslocam no espaço geográfico por motivos diversos, quase sempre acompanhando as suas famílias, vivem sua infância de forma fragmentada, sendo desterritorializadas do seu próprio lugar de origem.

As observações evidenciaram que nem a escola nem a creche se preocuparam em elaborar projetos para inserir os alunos migrantes no ambiente escolar, nas propostas e projetos em andamento; nas instituições pesquisadas não percebemos menção ou relação às crianças estrangeiras que fazem parte da instituição. Aliás, os dados mostram que a escola pouco promove a diferença em seu espaço, a menção às diferenças (seja ela qual categoria for) é praticamente inexistente. Abramowicz (2011) fala de que é preciso incorporar no trabalho do dia a dia o discurso das diferenças, essas diferenças percebidas não como um desvio, mas um mote de nossas práticas e das relações entre as crianças. A pesquisadora ressalta que seria essa a postura que “reclama novos afetos, novas formas de relacionar com o diferente, com o estrangeiro, ou seja, com a diversidade, com o outro que não é mais um “mesmo” de mim” (ABRAMOWICZ, 2011, p.32),

Em relação à dificuldade de idioma, Freitas e Silva (2015) nos dão um exemplo do papel do professor na superação das barreiras da língua, uma das professoras, sujeitos de pesquisa, a partir de desenhos produzidos em sala de aula pediu que a criança falasse sobre seus desenhos. A professora fez uma interação repetindo o que a criança havia dito. A criança se sentiu confiante e a partir dali passaram a estabelecer uma relação de confiança e reciprocidade, bem como aumentou a disposição das crianças para falar com os que se comunicavam em português. Para os pesquisadores, o medo de não ser compreendida perdeu a razão de ser e a diferença em relação às crianças bolivianas que foram severamente repreendidas por não usarem o português corretamente tornava-se palpável. (FREITAS e SILVA, 2015).

Nas salas de aula das instituições escolares observadas, notamos que as crianças haitianas são muito tímidas, falam pouco, são sempre obedientes e parecem ter medo de errar ou

⁸ Momento ou hora cívico é o dia que as creches e escolas municipais cantam o hino de Sinop e hino Nacional, ou só um dos hinos e comemoram as datas alusivas aos feriados daquela semana ou mês. As creches além de cantar o hino costumam também fazer apresentações de teatros, músicas e histórias infantis.

não agradar o professor. No entanto, fora da sala de aula, percebemos um comportamento sociável, alegre e de autonomia quando se relaciona com as outras crianças, com os outros alunos; situação semelhante Freitas e Silva (2015, p.694) identificou em sua pesquisa com crianças bolivianas:

Os horários de parque foram os momentos mais ricos da observação. Longe dos olhos dos adultos, as crianças tinham a liberdade para fazer o que desejavam; a duração da brincadeira dependia do grau de ousadia da invenção. Brincadeiras mais tranquilas tendiam a não sofrer interferência das professoras; por outro lado, as manifestações mais agressivas ou vistas como perigosas eram prontamente interrompidas, ainda que as crianças não tardassem a reinventá-las.

Siller (2011) ao se referir às crianças migrantes de origem pomeranas afirma que elas e suas famílias descendentes de migrantes sentiam-se estrangeiras em sua própria terra de nascimento, e que ainda vivem, e ainda aprendiam a ter vergonha de sua língua, de seus costumes, de suas experiências, enfim, de suas práticas sociais, interiorizando a concepção de que sua cultura é inferior e que tem menos valor. Reportando as crianças haitianas, imagino como se sentem, pois são estrangeiras de pele negra num país extremamente racista.

INSERÇÃO DAS CRIANÇAS HAITIANAS NA CRECHE E NAS ESCOLAS: A QUESTÃO RACIAL

A questão racial foi identificada a partir da pesquisa exploratória realizada em 2015. Ao nos deparar com S.M.C. na creche⁹, fomos falar com sua professora para saber como era ele na sala, com os colegas e com ela, TDI¹⁰ e bolsistas¹¹. Tanto a professora quanto uma bolsista do TDI falaram que era muito tranquilo, adorava televisão e de dançar e que não gostava de tomar leite. Uma TDI e uma das bolsistas do CIEE mencionou que um dia presenciaram uma criança do pré-escolar II dizer para o coleguinha de S.M.C. não brincar com ele porque era preto. Tanto a TDI quanto a bolsista relataram que ficaram muito indignadas de uma criança dizer aquilo para outra. Esse fato só reforça o que Cavaleiro (2000); Fazzi (2004) constataram em suas pesquisas, que as crianças pequenas aprendem desde cedo a serem racistas, portanto é preciso uma política eficaz a partir da Educação Infantil. O que ocorre com as crianças haitianas é que aqui no Brasil e elas se tornam pretas, são racializadas¹² no espaço escolar.

Nas primeiras semanas de observações de nossa pesquisa, na escola em que estuda R.M.T., a professora que leciona a disciplina de Geografia ao trabalhar o conteúdo “vulcões e terremotos”. Após explicar o conteúdo disse que o Haiti sofreu um terremoto em 2010 perguntou a R.M.T.:

-Você ainda morava lá ou morava aqui? Você veio de Porto Príncipe? Em que cidade morava?¹³

Ele não respondeu nenhuma pergunta (o que me convenceu de que ele não estava entendendo o que ela dizia). Ela viu que ele não respondeu e continuou falando que devido

9 No início do mês de Outubro passei a ser supervisora do PIBID de Pedagogia na creche campo de pesquisa.

10 As profissionais que auxiliam as professoras da educação infantil são denominadas de técnicas de desenvolvimento infantil – TDI.

11 Nessa creche temos bolsistas do Centro de Integração Empresa Escola-CIEE e do Programa institucional de Bolsas Iniciação a Docência - PIBID.

12 O conceito de racialização, aqui adotado, refere-se ao processo político e ideológico por meio do qual certas populações são identificadas por meio da referência direta ou indireta às suas características fenotípicas reais ou imaginárias, de modo a sugerir que essa população só pode ser compreendida como uma suposta unidade biológica. Tal processo envolve a utilização direta da ideia de “raça” para descrever ou referir a população em questão (CASHMORE, 2000 apud SANTIAGO, 2015, p.32).

13 Diário de campo de 30/05/2016

ao terremoto os haitianos tiveram que vir para o Brasil porque lá não tinham comida, vieram aqui atrás de trabalho e eram muito pobres. E continuou a aula dizendo que no Japão também tem muitos terremotos:

- Os japoneses são muitos inteligentes e já sabem se preparar para os terremotos. No Japão eles fazem ponte móvel, prédios com flexibilidade para que quando tiver um terremoto os prédios não caírem.

A professora repetiu que os japoneses eram muito inteligentes, e que tinham tecnologia de ponta para superarem os sismos, porque são extremamente inteligentes. A professora não mencionou as desigualdades econômicas, históricas e políticas que envolvem tanto a história do Haiti quanto a história do Japão. Supomos que R.M.T. não ficou constrangido porque não entendeu o que ela falou, mas a professora perpetuou através de sua fala, um imaginário nos demais alunos de que negros são menos inteligentes; de que povo haitiano é pobre, miserável e que não tem competência cognitiva. Enfim, uma percepção preconceituosa sobre os povos haitianos. Historicamente, pesquisas (FREITAS, 2015; SILLER, 2011) apontam que o aspecto educacional dos migrantes sempre foi deixado de lado ou, quando tratado, foi feito com superficialidade (MASCHIO, 2008, p.65), nesse caso, além de superficial e de forma extremamente equivocada e racista.

Perguntamos para R.M.T. de que cidade ele veio, ele respondeu que era de Miragoâne, uma localidade no oeste do Haiti, pertence a capital do Nippes como não entendemos a pronúncia corretamente, ele escreveu no diário de campo. Numa busca pela internet encontramos muitas imagens e informações sobre a cidade que não foi devastada pelo terremoto. Esse momento, em sala de aula seria uma excelente oportunidade pra a professora de Geografia trabalhar esse conteúdo com os alunos, conhecer o lugar de onde veio R.M.T. e ainda demonstrar interesse por sua vida, sua cultura, faria certamente com que ele se sentisse mais acolhido e isso facilitaria seu processo de inserção e adaptação na escola.

A dificuldade inicial de adaptação das crianças estrangeiras nas escolas pesquisadas é reflexo de um processo de aceitação de novos membros em geral, sendo a nacionalidade um aspecto de pouca relevância [...]. Mais relevante é o “conseguir fazer”. (FREITAS; SILVA, 2016, p.694).

Outro episódio que ocorreu na escola e que nos fez refletir sobre as relações raciais e que provavelmente envolvem o tratamento das crianças haitianas na escola pesquisada foi uma professora afirmar que havia um haitiano estudando no período vespertino, ela nos falou isso duas vezes, ao verificar junto à secretaria da escola, a mesma nos garantiu que não havia novos alunos haitianos na escola. Ao responder isso para a professora ela nos disse:

- Mas tem um “bem” moreninho que estuda à tarde, será que não é haitiano...?

Nas creches tanto os professores quanto bolsistas falaram que as crianças haitianas têm uma pele linda, são diferente no jeito de vestir. São percepções feitas porque as crianças tem a cor preta, essas falas permitem pensar sobre as diferenças e como elas são percebidas na escola. Acreditamos que são questões que geram relações conflitos, confrontos e interações na escola, pois ainda representa um espaço de manutenção de valores, costumes e crenças relacionadas ao pertencimento de cada etnia. (MASCHIO, 2008, p.67), no caso dos haitianos, o ser estrangeiro e negro.

Desde o início da pesquisa empírica observamos certo cuidado dos professores ao se referir às crianças haitianas, todos sabem que eles são os sujeitos da pesquisa e que estamos na escola por causa deles. Percebemos muitas vezes até certa afetação ou mesmo cuidado ao se referir às crianças, acreditamos que isso seja em função da cor delas, uma das principais características do racismo no Brasil, o preconceito de marca, essa forma de preconceito foi denominada por Nogueira (2006, p.299) como etiqueta das relações raciais.

Quanto à etiqueta: onde o preconceito é de marca, a etiqueta de relações inter-raciais põe ênfase no controle do comportamento de indivíduos do grupo discriminador, de modo a evitar a susceptibilização ou humilhação de indivíduos do grupo discriminado; onde é de origem, a ênfase está no controle do comportamento de membros do grupo discriminado, de modo a conter a agressividade dos elementos do grupo discriminador. Assim, no Brasil, não é de bom tom “puxar o assunto da cor”, diante de uma pessoa preta ou parda. Evita-se a referência à cor, do mesmo modo como se evitaria a referência a qualquer outro assunto capaz de ferir a susceptibilidade do interlocutor – em geral, diz-se que “em casa de enforcado, não se fala em corda”. Em contraposição, em qualquer contenda com uma pessoa de cor, a primeira ofensa que se lhe assaca é a referência a sua origem étnica.

A inserção e interações das crianças haitianas com seus colegas, professores e gestores perpassam por vários aspectos ainda a serem analisados, além da língua a questão racial é certamente um delas.

É fundamental entender os processos que permeiam as relações entre os sujeitos de pesquisa para pensarmos ampliar o debate sobre migração, crianças e escola, como também pensar possibilidades teóricas metodológicas para que essa entrada e permanência na escola ou creche sejam positivas e propositiva de novas interações para todos que compõe o universo escolar em que se insere essas crianças haitianas.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A migração internacional é hoje uma realidade em diferentes estados do Brasil, portanto integrar as crianças vindas do Haiti nas escolas em Mato Grosso é um desafio das instituições que as recebem, como também respeitar sua origem, suas diferenças e sua cultura.

Ao serem matriculadas nas instituições escolares elas têm todo o direito à aprendizagem, a professores qualificados e com garantias de permanecer nesse espaço com dignidade. A situação de estrangeiro e migrante não deve ser impedimento da criança ser inserida no processo educativo, pois migrar é um direito.

Os dados parciais apontam que uma das dificuldades encontradas pela escola e creche é em relação à língua, isso interfere na comunicação com os alunos e com a família. A dificuldade de comunicação também prejudicam os alunos que não conseguem verbalizar sobre suas necessidades e dificuldades em relação aos conteúdos e normas escolares, como por exemplo, quando a professora substituta busca o aluno haitiano no banheiro porque ele saiu sem permissão.

Outro aspecto a ser destacado é em relação ao imaginário social que as pessoas têm do Haiti e conseqüentemente da população negra, que na verdade exprime um preconceito racial não tão velado e enraizado na sociedade brasileira.

Sobre as diferenças no âmbito escolar, seja ela de que categoria for, étnica, racial, de gênero, sexual, física etc.; é assunto pouco explorado, geralmente apresentado de forma relativizada. Esse cenário mostra como nossos educadores lidam com a temática, no interior da escola as diferenças são postas como diversidade sob o discurso da tolerância e do multiculturalismo.

Os conflitos e tensões fazem parte do cotidiano escolar, as práticas pedagógicas devem garantir inserção e tratamento igual a todos os que fazem parte da escola, as relações devem se pautar pelo respeito às crianças independente de sua condição sexual, religião, clero, cor, etnia e origem. O que observamos é que as crianças haitianas são antes negras do que estrangeiras e deste modo sofrem, tornam-se negras no Brasil, condição que não conheciam em seu país.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOWICZ, Anete. Pesquisas com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (Org.). **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011 (Coleção Polêmicas do nosso tempo), p.15-21.
- ALVES, Alessandro. Seis municípios de Mato Grosso estão em alto grau de desenvolvimento, diz Firjan. 2012. Disponível em: .Acesso em 13 de set.de 2015.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio escolar ao silêncio do lar-Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.
- COGO, Denise Maria; SOUZA, Maria Badet. **Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores – Migrantes no Brasil**. Bellaterra: Instituto Humaitas; Unisinos; Instituto de la Comunicación de la UAB, 2013. (Coleção: Guias De Diversidade Cultural Para Comunicadores).
- CORSARO, William A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, no. 91, Maio/Ago, 2005, p. 443-464.
- DUTRA, Cristiane Feldmann. GAYER, Suely Marisco. **A Inclusão social dos imigrantes haitianos, senegaleses e ganeses no Brasil**. Seminário internacional de demandas sociais e políticas na sociedade contemporânea. VIII mostra de trabalhos jurídicos científicos, 2015.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os Outsiders-Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- FREITAS, Marcos Cezar; SILVA, Ana Paula. Crianças bolivianas na educação infantil de São Paulo: adaptação, vulnerabilidades e tensões. **Cad. Pesqui.** [online]. 2015, vol.45, n.157, pp.680-702. ISSN 1980-5314. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/198053143246>. Acesso: 29 de março de 2016.
- JESUS, Nauk Maria de. A capitania de Mato Grosso: história, historiografia e fontes. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 5, n. 2, jul.-dez., 2012, p. 93-113.
- NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, vol. 19, no. 1. 2006.
- PIMENTEL, Marília Lima. COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Elementos etnográficos sobre imigração na Amazônia brasileira: linguagem e inserção social de haitianos em Porto Velho**. IV Reunião Equatorial de Antropologia e XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste, 2013.
- SANTIAGO, Flávio. Hierarquização e racialização das crianças negras na educação infantil. 2015. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, vol.33, no.1 (64), 2015, p.31-47.
- SANTOS, Angélica P.; Maquézia S. F. dos SANTOS; COTINGUIBA, Maria L. **A Inserção da criança haitiana no ambiente escolar brasileiro: um estudo de caso na cidade de Porto Velho**. Disponível em: http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1020513_29_06_2015_00-38-24_8355. PDF. Acesso: 29 de mar. de 2016.
- SEGUY, Franck. **A catástrofe de janeiro de 2010, a “Internacional Comunitária” e a recolonização do Haiti**. Tese. Campinas. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Tese de Doutorado em Sociologia. 2014.
- SILLER, Rosali Rauta. Infância, **Educação Infantil, Migrações**. Tese (doutorado)– Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.
- SOUZA, Edson A. **Sinop: História, imagens e relatos - Um estudo sobre a sua colonização**.

Cuiabá: Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2004.

MASCHIO, Elaine C. Falcade. Etnia, cultura e memória: o processo escolar entre Imigrantes em perspectiva histórica. **Revista Intersaberes**, Curitiba, ano 3, no. 5, jan/jul, 2008, p. 63 – 75.

NUNES, Míghian Danae Ferreira. Sociologia da infância, raça e etnografia: intersecções possíveis para o estudo das infâncias brasileiras. **Revista Eletrônica de Educação**, vol. 9, no. 2, p. 413-440, 2015.

OLIVEIRA, Iolanda. **Desigualdades Raciais: Construções da infância e da Juventude**. Niterói: Intertexto, 1999.

ABRAMOWICZ, Anete. Pesquisas com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (Org.). **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011 (Coleção Polêmicas do nosso tempo).

BOGDAN, Robert. BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação - Uma introdução à teoria e aos métodos**. Trad. Maria João Álvares etalli. Ed. Porto Editora, 1994.

COGO, Denise Maria; SOUZA, Maria Badet. **Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores – Migrantes no Brasil**. Bellaterra: Instituto Humaitas; Unisinos; Instituto de la Comunicación de la UAB, 2013. (Coleção: Guias De Diversidade Cultural Para Comunicadores).

CORSARO, William A. **Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas**. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 26, no. 91, Maio/Ago, 2005, p. 443-464.

DEMARTINI, Zélia de Brito F. Imigração e educação: discutindo algumas pistas de pesquisa. **Pro-Posições**, v. 15, n. 3 (45) - set./dez., p. 215-228, 2004.

DUTRA, Cristiane Feldmann. GAYER, Suely Marisco. **A Inclusão social dos imigrantes haitianos, senegaleses e ganeses no Brasil. Seminário internacional de demandas sociais e políticas na sociedade contemporânea**. VIII mostra de trabalhos jurídicos científicos, 2015.

ETECHEBERE, Rafaela Gava. **Haitianos no Brasil: reconfigurações do parentesco a partir das crianças em meio adyáspora**. 38º Encontro Anual da Anpocs. 2014.

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FREITAS, Marcos Cezar; SILVA, Ana Paula. **Crianças bolivianas na educação infantil de São Paulo: adaptação, vulnerabilidades e tensões**. Cad. Pesqui. [online]. 2015, vol.45, no.157, pp.680-702. ISSN 1980-5314. <http://dx.doi.org/10.1590/198053143246>. Acesso: 29/03/2016

GAUDIO, Eduarda Souza. **Relações sociais na educação infantil: dimensões étnico-raciais, corporais e de gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2013.

JESUS, Nauk Maria de. A capitania de Mato Grosso: história, historiografia e fontes. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 5, no. 2, jul.-dez., 2012, p. 93-113.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil**. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, vol. 19, no. 1. 2006.

PIMENTEL, Marília Lima. COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Elementos etnográficos sobre imigração na Amazônia brasileira: linguagem e inserção social de haitianos em Porto Velho**. IV Reunião Equatorial de Antropologia e XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste, 2013.

SANTIAGO, Flávio. **Hierarquização e racialização das crianças negras na educação infantil**. 2015. Leitura: Teoria & Prática, Campinas, São Paulo, vol.33, no.1 (64), 2015, p.31-47.

SANTOS, Angélica P.; Maquézia S. F. dos SANTOS; COTINGUIBA, Maria L. A **Inserção da criança haitiana no ambiente escolar brasileiro: um estudo de caso na cidade de Porto Velho**. http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1020513_29_06_2015_00-38-24_8355.PDF. Acesso: 29/03/2016.

SEGUY, Franck. **A catástrofe de janeiro de 2010, a “Internacional Comunitária” e a recolonização do Haiti**. Tese. Campinas. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Tese de Doutorado em Sociologia. 2014.

SILLER, Rosali Rauta. **Infância, Educação Infantil, Migrações**. Tese (doutorado)– Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.

SOUZA, Edson A. Sinop: **História, imagens e relatos - Um estudo sobre a sua colonização**. Cuiabá: Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2004.

MASCHIO, Elaine C. Falcade. **Etnia, cultura e memória: o processo escolar entre Imigrantes em perspectiva histórica**. Revista Intersaberes, Curitiba, ano 3, no. 5, jan/jul, 2008, p. 63 – 75.

NUNES, Míghian Danae Ferreira. **Sociologia da infância, raça e etnografia: intersecções possíveis para o estudo das infâncias brasileiras**. Revista Eletrônica de Educação, vol. 9, no. 2, p. 413-440, 2015.

OLIVEIRA, Iolanda. **Desigualdades Raciais: Construções da infância e da Juventude**. Niterói: Intertexto, 1999.

<http://www.qmdmt.cnpm.embrapa.br/711.htm>. Acesso em 14/09/2015

http://www.olhardireto.com.br/agro/noticias/exibir.asp?noticia=Seis_municipios_de_Mato_Grosso_est_ao_com_alto_grau_de_desenvolvimento_diz_Firjan&id=2613. Acesso em 13/09/2015